

mídia, singularidade e juventude

tony hara*

O que eu gostaria de colocar em cena aqui¹ é a questão da formação, do processo de singularização de jovens e de crianças. É bastante impreciso e vago falar em formação, mas entenda-se, nesse primeiro momento, como o avesso da educação voltada para a transformação do homem no “melhor animal doméstico do homem”, para usar aqui uma imagem lapidada por Nietzsche. O avesso dessa transformação de crianças e de jovens em animais úteis e dóceis, produtivos e obedientes, mas suficientemente invejosos para que possam competir pelo poder. Numa outra imagem elaborada por Nietzsche ele diz que cegam-se os pássaros para que eles cantem melhor. E, de certa maneira, hoje, cegamos os nossos pássaros no ninho para que a vida em cativeiro não se torne, algum dia, um problema.

Em outros termos, o que eu gostaria de entender um pouco melhor é aquilo que o filósofo Gilles Deleuze chama de “devenir revolucionário das pessoas.” Como isso

*É jornalista e Doutor em História da Cultura pela Unicamp.

funciona? Esse tornar-se singular pode ser estimulado? Ou, para ser mais exato, o rádio, um veículo de comunicação de massa pode ser usado para gerar esse pequeno acontecimento? Como uma voz estranha, assim como o cinema é uma imagem estranha, pode interferir nesse processo que Nietzsche chamaria de “tornar-se o que se é”?

De início eu explico o porquê desses problemas ou dessas colocações. A razão é simples: assumi a responsabilidade de pensar e praticar uma Rádio Educativa. E o objetivo desse experimento é afetar, através das ondas do rádio, os jovens e as crianças que estão indóceis no cativeiro. Sem cair, evidentemente, naquelas seduções baratas, naquelas fórmulas já conhecidas e consagradas de programas didáticos e pedagógicos, politicamente corretos para crianças e jovens. Podemos estar cegos diante da saturação de imagens, mas espero que nossos ouvidos estejam atentos.

Na *Rádio Universidade Fm*, emissora educativa ligada à Universidade Estadual de Londrina, um grupo de pessoas se reuniu a fim de criar meios e instrumentos para problematizar a infância e a juventude. Ou melhor, criar meios e instrumentos para que as crianças e os jovens problematizem os direitos, as teorias e as experiências da infância e da juventude. Daí a razão de minhas perguntas iniciais. Gostaríamos, em resumo, de jogar no ar, de fazer ecoar a voz dos jovens e das crianças que problematizam lúdica, poética ou aguerridamente o processo de domesticação ao qual estão submetidos, seja na escola, nos educandários, nas clínicas psiquiátricas, nas ruas ou no interior da família.

E para caminhar nessa direção imediatamente um obstáculo se impõe. O terreno em que estamos é o da comunicação. E são bastante conhecidas as críticas aos

meios de comunicação de massa. Dessas reflexões eu gostaria de destacar as considerações que dizem respeito ao processo de constituição da subjetividade. Pois o devir revolucionário das pessoas passa, creio, por esse campo que é justamente o órgão de ataque da mídia. É certo que as máquinas tecnológicas de informação e comunicação agem na formação da subjetividade humana. Como dizia Félix Guattari, a mídia opera não só na memória, na inteligência do homem, mas também “na sua sensibilidade, nos seus afetos, nos seus fantasmas inconscientes.”²

Os meios de comunicação fazem parte, portanto, das estratégias, das formas de assujeitamento, de submissão da subjetividade. Michel Foucault, como se sabe, destaca em sua análise das relações de poder, três tipos de luta: contra as formas de dominação, seja étnica, social ou religiosa; as lutas contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; e as lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão. E, para Foucault, essas lutas contra as formas de assujeitamento assumem o primeiro plano nos combates culturais contemporâneos, apesar da continuidade, da permanência das lutas contra as formas de dominação e da exploração.

Não conheço ainda profundamente, mas certamente existem pesquisas no Brasil que problematizam a relação entre mídia e controle da subjetividade. Nessa investigação a linha aberta por Gilles Deleuze é inquietante, provocativa e chega a desconcertar pela precisão da sacada. Em uma palestra para estudantes de cinema ministrada no ano de 1987, Deleuze afirma: “Num primeiro sentido, a comunicação é a transmissão e a propagação de uma informação. Ora, o que é uma informação? Não é nada complicado: uma informação é um conjunto de palavras de ordem. (...) Informar é fazer

circular uma palavra de ordem. As declarações da polícia são chamadas, a justo título de, comunicados. Elas nos comunicam informações, nos dizem aquilo que julgam que somos capazes ou devemos ou temos a obrigação de crer. Ou nem mesmo crer, mas fazer como se acreditássemos. Não nos pedem para crer, mas para nos comportar como se crêssemos. Isso é informação, isso é comunicação; à parte essas palavras de ordem e sua transmissão, não existe comunicação. O que equivale a dizer que a informação é exatamente o sistema do controle.”³

Os meios de comunicação de massa, principalmente as redes de televisão, são máquinas de produção e de circulação de palavras de ordem. E diante da tela devemos fingir que acreditamos que as eleições são uma festa democrática; que o mundo é de quem faz mais rápido; que o sorriso de uma criança não tem preço... E, por aí vai. Mas, nem tudo nessa rede são alegrias manipuladas nos laboratórios de criação à serviço do marketing universal, que, segundo as palavras de Deleuze, “forma a raça impudente de nossos senhores.”⁴ Nessa rede de controle social a contra-informação desempenha também um papel fundamental.

No *casting* desse grande espetáculo para as massas são imprescindíveis tanto a voz estridente e indignada de um representante dos excluídos, quanto a voz serena e professoral de um espírito sóbrio e desgostoso com os descaminhos da razão. Uma voz desarvorada diante da ruína dos valores e dos nobres ideais humanistas. De uma certa maneira, a má consciência segura a audiência e dá pontos no Ibope. E isso é muito interessante: a rede de controle social cria um território no qual os diversos movimentos minoritários podem encenar seus dramas e reivindicar os seus direitos. E este território monitorado é visitado pelos intelectuais,

pelos especialistas que evocam os reluzentes valores e ideais humanistas que, apesar de serem impotentes e meramente retóricos, justificam a pregação pelas reformas. E há esperança de reformas para todos os tipos e gostos. Reforma da alma como pregam os pastores eletrônicos, reforma universitária, do núcleo familiar, do poder judiciário, do sistema de representação política, das polícias, do sistema de saúde...

De uma forma bastante esquemática, talvez seja possível apresentar a configuração da máquina de controle ou de comunicação social a partir dessas duas linhas que se tocam e se afetam permanentemente. De um lado a seleção e a transmissão de palavras de ordem devidamente embaladas pelas alegrias do marketing. E de outro a abertura de pequenas janelas, devidamente emolduradas, para a representação do teatro das denúncias, para a expressão do ponto de vista da vítima, do excluído ou do explorado. Esta encenação passa pelo filtro, pelas lentes dos especialistas, pelos agentes da ordem qualificados que exigirão reformas nos diversos sistemas, a fim de incluir, fazer justiça ou reparar os males. Não raras vezes esses discursos são editados, manipulados nos “estúdios realidade”, como diria Willian Burroughs, e jogados de volta ao sistema de comunicação, seja como informação, palavra de ordem ou como espetáculo mesmo.

Não sei se é possível sair desse circuito. Mas é certo que qualquer tentativa de não operar nessa lógica passa por um esforço danado de recusa e de esquecimento. Há que se recusar essas alegrias do marketing. Os grandes ou pequenos espetáculos em que as crianças, por exemplo, são obrigadas a representar o papel de figurantes indigentes e ignorantes. Do *Criança Esperança* aos *Amigos da Escola*, passando pelos showzinhos, jantares promovidos por ongs, entidades filantrópicas;

campanhas do agasalho, contra a fome, de educação no trânsito, de prevenção contra cárie, drogas, obesidade e tantas outras ameaças. Por maiores que sejam as necessidades, as carências, as contorções espetaculares da miséria, há que se desviar o olhar. Há, como diz Nietzsche, a necessidade de um mínimo de pudor. Quando as estratégias de marketing exploram as diversas misérias da infância e da juventude, devidamente amparados pelo discurso e dados estatísticos dos especialistas, elas ativam um instinto delicado e perigoso: a piedade.

A piedade é uma peça fundamental para a transformação do homem no melhor animal doméstico do homem. A piedade ou a compaixão, dizendo de um modo bastante rude, glorifica os miseráveis de espírito, aqueles que se acomodaram no papel de impotentes e que se vingam pela palavra: “você é culpado por minha miséria”. Nos termos provocativos de Nietzsche, a piedade é a virtude, por excelência, da moral escrava. As alegrias do marketing adoram os espíritos mendicantes e pequenos que encarnam com maestria o papel de vítima. O espetáculo comovente oferecido por esses espíritos mansos é sempre recompensado com alguns trocados doados por almas pias ou por empresas socialmente responsáveis que aproveitam a cena para trabalhar a sua imagem. Em resumo, há que se recusar esse jogo que incentiva aquele que sofre a desempenhar o papel de mendigo, de impotente. Há algo de indecoroso no gesto piedoso que recompensa justamente o mais inválido dos inválidos. Ou seja, aquele que não representa perigo algum de mudança ou de desestabilização da ordem, que deseja apenas uma vida inválida, uma existência miserável mais confortável e cômoda.

Por outro lado, há que se esquecer os papéis, as marcações cênicas delimitadas pela máquina de

controle social. É preciso esquivar-se do raio de ação do porta-voz indignado que denuncia as injustiças que varrem a face da terra. Deixar de lado os indivíduos que falam em nome de outros, supostamente mais fracos e incapazes. O texto do sujeito indignado pode suscitar pequenas catarses, instantâneos de bem-estar que ocorrem quando alguém diz aquilo que queremos ouvir. Mas, na realidade, este texto acaba por reforçar o clamor e o coro dos piedosos. E como alerta a sensibilidade aguda de Nietzsche: “O homem indignado, ou quem está sempre dilacerando e rasgando a si mesmo (ou, em seu lugar, o mundo, Deus, a sociedade) com os próprios dentes, pode ser moralmente superior ao sátiro sorridente e satisfeito, mas em qualquer outro sentido ele é o caso mais comum, mais irrelevante, menos instrutivo. E ninguém mente *tanto* como o indignado.”⁵

E o mesmo pode ser dito em relação ao personagem que representa o papel do sóbrio reformista. A mentira desinteressada ou a ilusão nascida de nobres sentimentos humanistas também têm espaço assegurado na rede de entretenimento. No que se refere às crianças e aos jovens, esse papel é geralmente representado por intelectuais especializados na área da educação. Eles ocupam o espaço midiático concedido a fim de renovar a crença na redenção do homem através da educação. Mas vale lembrar daquela passagem inesquecível do *Raízes do Brasil*, que faço questão de citar: “Não têm em conta entre nós os pedagogos da prosperidade que, apegando-se a certas soluções onde, na melhor hipótese, se abrigam verdades parciais, transformam-nas em requisito obrigatório e único de todo progresso. É bem característico, para citar um exemplo, o que ocorre com a miragem da alfabetização do povo. Quanta inútil retórica se tem desperdiçado para provar que todos os males ficariam resolvidos de um momento para outro se estivessem amplamente

difundidas as escolas primárias e o conhecimento do ABC.” E logo em seguida Sérgio Buarque de Holanda complementa: “a simples alfabetização em massa não constitui talvez um benefício sem-par. Desacompanhada de outros elementos fundamentais da educação, que a completem, é comparável, em certos casos, a uma arma de fogo posta nas mãos de um cego.”⁶

É possível substituir, sem dano, a idéia de Sérgio Buarque, a miragem da alfabetização do povo, pela miragem da inclusão digital, miragem da universalização do ensino superior, miragem do sistema de cotas, miragem das novas disciplinas obrigatórias na grade curricular, e por aí afora. Essas miragens se multiplicam no mesmo ritmo em que proliferam as instituições que falam em nome das crianças e dos jovens. Há uma inflação de ongs, oscips, associações filantrópicas, comunitárias, igrejas, programas estatais, conselhos municipais, estaduais, projetos de extensão universitária... O que há de comum entre essas diversas instituições é a defesa dos direitos das crianças e adolescentes, garantido no Estatuto, e a crença na Educação como redenção não só das crianças, como também do próprio viver em sociedade.

Parece existir nos tempos de hoje uma aliança entre aquela pedagogia da prosperidade descrita por Sérgio Buarque e um ideal de segurança e controle característico de nossa época. O surrado slogan “mais escolas e menos prisões” é um emblema desse movimento que só reafirma o lugar social da escola como espaço de seqüestro e imobilização de crianças e jovens. A escola é o território no qual deve ser extirpado do corpo da criança todo o comportamento ou pensamento que ameace e problematize a vida em sociedade. E essa operação é feita, sobretudo, através da recompensa e do reconhecimento dos corpos adestrados para a produção

e o consumo das mercadorias simbólicas ou não, em circulação na sociedade.

Vou resumir o que foi dito e voltar à questão colocada no início do texto e que me inquieta nesse momento: como o rádio pode atuar no processo de formação de indivíduos singulares? O que foi dito até agora é muito perceptível em nosso cotidiano. Os meios de comunicação de massa assumiram, a partir da segunda metade do século passado, um lugar estratégico na construção da subjetividade humana. O poder de ação sobre cada indivíduo em particular e sobre toda uma população reorganiza as estratégias de controle social. Daí a intuição de Deleuze: o sistema de comunicação e o sistema de controle se equivalem. Os milhares de gerentes que operam esses sistemas formam a nova raça de nossos senhores.

Em geral essa nova raça de senhores é democrata. Por isso defendem, no plano da cultura, o multiculturalismo. Querem que todos, absolutamente todos, tenham o seu espaço, que todos sejam incluídos no sistema, porém cada qual com o seu tipo de acesso. Dessa maneira se organiza o carnaval, a grande mascarada contemporânea. As alas passam sucessivamente. Miseráveis de espírito de diferentes cores, ocupações, crenças, status social ou econômico, formações e origens lutam pelos 15 minutos de fama. E, quando são porta-vozes de algum movimento coletivo, reivindicam um melhor posicionamento no ranking que determina a distribuição de privilégios.

Como afirma o filósofo Peter Sloterdijk, um dos paradoxos de nossa época é o chamado “privilégio para todos”. E como não se renuncia a esse princípio paradoxal, os nossos senhores chamam pelos intelectuais reformistas que, ao menos de forma retórica, desarmam o paradoxo e garantem, no papel ou da boca pra fora, o sonhado privilégio para todos. E uma

das reformas mais exploradas é a reforma do sistema de Educação, pois a miragem que está na moda é a da universalização do ensino superior que garantiria, por si só, o acesso igualitário aos privilégios.

E o que “aqueles que velam por nosso bem”, como diz Deleuze, ganham com isso? Primeiro, todas as máscaras e estilos de vida que participam do grande carnaval estão à venda. Segundo, é a mídia quem subjetiva a massa. Ela conquistou o interessante papel de falar por nós, pensar por nós, interpretar o mundo por nós. Terceiro, dissemina a piedade, ou seja, glorifica aqueles que agem de acordo com a vontade de nada, aqueles que se sentem satisfeitos com o deixar-se ir com a maioria.

Após esse resumo do percurso feito até agora gostaria de retomar a caminhada na companhia de Diógenes, o filósofo cínico do século 4 antes de nossa era. Lembro aqui daquela famosa história na qual ele, em plena luz do dia, chega na praça da cidade com uma lanterna acesa na mão. Diógenes teria gritado: “ — Procuo um homem! Procuo um homem!” Vários sujeitos se aproximaram e foram prontamente afastados pelo cajado nervoso do filósofo. “ — Eu disse homens, não vermes!”. Ao longo da história outros homens repetiram o gesto do filósofo cínico. O poeta Charles Baudelaire, por exemplo, chegou a escrever no século 19: “A todo homem que pensa e sente eu peço para me mostrar o que subsiste da Vida!”⁷

O que subsiste da Vida nessa era do controle e da domesticação tão precoce e eficiente? As possíveis respostas a essa pergunta tão difícil é o que eu gostaria de ouvir numa Rádio que se auto-denomina *Educativa*. Daí a necessidade de criar meios e instrumentos para atuar com os indivíduos que vivem esse problema e se perguntam, dia após dia, o que subsiste da Vida. Em outras palavras, o que se deseja é o exercício de uma prática

radiofônica que invente narrativas outras, que coloquem em xeque as nossas práticas de controle mais rotineiras. É tentar narrar, descrever a sociedade em que vivemos do ponto de vista de quem procura se desembaraçar dela.

Sei que não é correto fazer uma aproximação abrupta, sem maiores mediações; mas penso, ou melhor, imagino, o rádio como uma heterotopia. Não que o seja de fato, o rádio tal como ouvimos hoje é também mais uma voz do controle. Mas assim como o teatro e o cinema, o rádio também tem o poder de “justapor — como diz Foucault — em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis.”⁸ E também pode desempenhar um papel de “criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real e todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada”⁹ — como descreve Michel Foucault.

É assim que eu imagino o rádio. Justapondo no mesmo espaço sonoro o playground do condomínio fechado, o solarium do educandário e a sala de aula. E atravessar os muros em busca de jovens e crianças que criam nesses restritos compartimentos um mundo para si mesmos. Tudo isso é muito difícil, já que o processo de destruição da experiência e da singularidade se capilarizou de uma tal forma que realmente fica a dúvida se algo ainda subsiste da Vida. Como rememora Kafka em um *Esboço autobiográfico*: “Todo homem é singular e, em virtude mesmo dessa singularidade, chamado a agir — desde que tome gosto pela sua maneira de ser. Na escola, como em casa, ao que me foi dado experimentar, só se laborava no sentido de anular essa singularidade: era tornar a educação mais fácil e também mais fácil a vida da criança.”¹⁰

A fim de facilitar o processo de domesticação do homem, anulamos exatamente aquilo que é singular em cada um de nós. Ao invés de estimular permanentemente, criar

as condições favoráveis para partejar o que há de singular em cada um de nós, optamos pela uniformidade, pela indiferenciação, pelo conforto de ser igual, o que torna tudo mais fácil para o processo de educação dos sentidos, e talvez torne, de fato, a própria existência do homem menos dolorosa. Só que isso tem um preço que todos conhecemos: a esterilização do futuro, a desertificação do futuro.

Como dizia Nietzsche em *Além do Bem e do Mal*: “A loucura é algo raro em indivíduos, mas em grupos, partidos, povos é a norma.”¹¹ E eu sinceramente gostaria de ouvir mais esses raros indivíduos, suficientemente lúcidos para reconhecer a loucura da massa, a sua vontade de nada, o seu niilismo radical e vingativo. Abrir uma brecha por onde passem fluxos insinuantes capazes de gerar ínfimos acontecimentos. Contestações inesperadas, não programadas pelo poder.

E, para finalizar, volto a uma questão formulada por Deleuze. Ele pergunta: “Como chegar a falar sem dar ordens, sem pretender representar algo ou alguém, como conseguir fazer falar aqueles que não têm esse direito, e devolver aos sons seu valor de luta contra o poder?”¹² Este desafio ético provoca um incômodo tremendo, pois solicita a vertiginosa abertura para o outro. Mais do que a articulação da palavra redentora, essa postura exige um ouvido delicado, sensível para flagrar — em meio aos pregões e ao tumulto do mercado —, o grito do recém-nascido. O som bárbaro que não anuncia um amanhã glorioso para toda a humanidade, mas expressa uma vontade de superação, um desejo de lutar contra o processo de uniformização que anula o que há de singular em cada um de nós, a fim de tornar a nossa vida em cativo mais fácil, amena, mais próxima daquela existência que repousa nas câmaras mortuárias.

Notas

¹ Estas reflexões e princípios de ação foram esboçados em outubro de 2006, quando foi realizado o encontro *Cinema, Jovens e Transgressão* organizado pelo Nu-Sol.

² Félix Guattari. apud. Peter Pál Pelbart. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo, Iluminuras, 2000, p.12.

³ Gilles Deleuze. *O Ato de Criação*. Tradução de José Marcos Macedo. Caderno Mais!, Folha de S. Paulo, 27 de junho de 1999, p. 5.

⁴ Gilles Deleuze. *Conversações*. Tradução de José Marcos Macedo. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992, p. 224.

⁵ Friedrich Nietzsche. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p.34. Tradução de Paulo César de Souza.

⁶ Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, p.165.

⁷ Charles Baudelaire. *Meu coração desnudado*. Tradução de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p.45.

⁸ Michel Foucault. “Outros Espaços” in *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema (Ditos & Escritos v.III)*. Manuel Barros da Motta (org.). Tradução de Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001, p.411.

⁹ Idem. p. 412.

¹⁰ Franz Kafka. *Parábolas e fragmentos*. Tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro, Ediouro, 1987, p. 52.

¹¹ Friedrich Nietzsche. 1992, op. cit., p. 8.

¹² Gilles Deleuze. 1992, op. cit., p. 53.

Mídia, singularidade e juventude

RESUMO

Este texto é uma tentativa de imaginar outras possibilidades de fazer rádio. Uma escuta cuidadosa para o que se apresenta como singular e indócil.

Palavras-chave: juventude, subjetividade, cultura de massa.

ABSTRACT

This text is an attempt to imagine others possibilities to make radio. A hear with intention for what presents itself as singular and unmanageable.

Keywords: youth, subjectivity, mass culture.

Recebido para publicação em 5 de março de 2007. Confirmado em 4 de junho de 2007.